

MOÇÕES E SUB- JETIVIDADE: A POÉTICA DO EU NA POESIA CACE- RENSE DE EDSON FLÁVIO

EMOTIONS AND SUBJECTIVITY: THE POETICS OF THE SELF IN THE CACERENSE PO- ETRY OF EDSON FLÁVIO

Edson Silva de Lima (UEG/UERJ/FFP/CAPES)¹

Resumo: O ato poético estaria entre a linguagem e a emotividade, isto é, na possibilidade de junto às estruturas de manifestação da língua permitir a expressão de

¹ Pós-doutorando em História Social pela UERJ/FFP/CAPES. Doutor em História, professor de Teorias e Práticas do Ensino e da Pesquisa em História, Faculdade de Licenciatura em História – IAEL, Universidade Estadual de Goiás, Uruaçu, Goiás, Brasil. edson.lima@ueg.br.

nossa paisagem interior. Neste sentido, emoções e poesia não estão subordinadas à racionalização do eu determinado, mas a razão inclusiva, em que os sistemas são abertos e, portanto, abrangentes. Em vista disso, empreendemos uma investigação que congratula poesia e filosofia na obra do poeta cacerense Edson Flávio, em especial seus livros *Aldrava* (2020) e *Intermitência* (2023). Nosso objetivo é, com base na filosofia das emoções (Nussbaum, 2003) e da teoria literária (Lima, 2006; 2015; 2018; 2021) apontar a maneira mesma da presença do eu poético como ser capaz de criar sua própria existência, inventando e moldando o seu *landscape* de maneira a tornar-se o principal agente na produção de sentido poético.

Palavras-chave: Emoções. Subjetividade. Linguagem. Poesia.

Abstract: The poetic act lies between language and emotionality—that is, in the possibility of allowing the expression of our inner landscape alongside the structural manifestations of language. In this sense, emotions and poetry are not subordinated to the rationalization of a determined self, but rather to an inclusive reason—one in which systems are open and, therefore, comprehensive. In light of this, I will undertake an investigation that brings together poetry and philosophy in the work of the Cacerense poet Edson Flávio, with particular attention to his books *Aldrava* (2020) and *Intermitência* (2023). My aim is, drawing on the philosophy of emotions (Nussbaum, 2003) and literary theory (Lima, 2006; 2015; 2018; 2021), to highlight the very mode of presence of the poetic self as a being capable of creating its own existence—inventing and shaping its landscape in such a way as to become the primary agent in the production of poetic meaning.

Keywords: Emotions. Subjectivity. Language. Poetry.

Introdução

Acredito ser sensato, antes de qualquer elaboração argumentativa quanto ao que pretendemos aqui fazer, dizer algumas coisas quanto a minha aproximação com a poesia e com a ficção literária em específico. Um rápido exercício auto etnográfico. Em minha vida, pelo menos aquela em que é possível lembrar, não tive muito contato com a cultura letrada. Fui educado em um lar protestante de vertente evangélica. A leitura de textos literários não estava no horizonte como possibilidade, isto porque aos meus pais também não foram oferecidas esta oportunidade. Vindos do Nordeste para trabalhar, não tiveram a chance de se aproximar dessa dimensão da cultura humana.

Recordo que quando estava no ensino fundamental ganhei um livro de Monteiro Lobato, como prêmio por me destacar no bimestre, que não me chamou atenção e, embora, dissesse que gostaria de fazer faculdade, o que exigia leitura de livros literários, esta também aparecia para mim como um lugar distante e para poucos. Passado este momento não estive mais com livros em mãos. Um dia, visitando o trabalho do meu pai, que gerenciava um restaurante na época, me deram um livro de contos de fadas, tenho uma nebulosa lembrança desse dia. Passado o tempo e, já fazia uns trabalhos para ganhar um dinheiro, vi em uma revista de produtos de beleza um livro de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). Não pretendo fazer deste relato como aqueles intelectuais que dizem que leram livros difíceis na infância e, que naquele momento já percebiam a grandeza daquelas obras literárias ou filosóficas. Uma professora de história me disse que se eu quisesse passar no vestibular, eu deveria ler literatura. Então

comprei este livro, que não gostei e, tenho resistência à leitura até hoje. Faço essa pequena autoetnografia apenas para dizer que a literatura tem um papel que nem sempre está no horizonte de todos, embora seja um direito. E mais que isso, talvez, não devêssemos sacralizá-la como a única possibilidade de alcançar o recôncavo da alma humana, embora seja fundamental nessa empreitada.

Não foi apenas a prosa que me desafiou a vida toda, a poesia também me era estranha. Sobretudo, porque a visão que eu tinha sobre ela estava atrelada a excessos de melodrama, de uma linguagem do amor e do amante, em termos teóricos, conforme Luiz Costa Lima (2021), da ratificação do sujeito autocentrado. Isto me incomodava e me fazia excluir a poesia como possibilidade de leitura. E não foram poucas as tentativas e os incentivos que recebi para me abrir a ela.

Já encerro este momento de abertura da minha vida íntima a vocês. Sou criado e formado no Rio de Janeiro, embora seja natural da Paraíba. Depois de anos de dedicação à vida acadêmica e, já dedicado quinze anos dela aos estudos da relação teoria literária e teoria da história, tive a oportunidade de lecionar na UNEMAT/Cáceres. Não esperava que meu encontro com a poesia se daria primeiro na aproximação de alguém tão especial, um amigo querido e um poeta talentoso, o professor, poeta e dramaturgo Edson Flávio. Em poucos minutos de conversa me presenteou com seus livros *Utopias e Resistências em Pedro Casaldáliga* (2021) e *Aldrava* (2020). O primeiro li em uma noite, rapidamente mergulhei naquele cuidadoso e acurado estudo literário que articulava, poesia, política e biografia. Fiz algumas considerações que se perderam em nossas longas conversas via whatsapp. Elas ficarão na memória e no coração,

que são os lugares de maior importância na vida afetiva humana. Já o *Aldrava* apareceu para mim como leitura em um momento em que eu precisava me resgatar, não esperava naquele momento que uma pessoa que acabara de conhecer traria o bote salva vidas pela poesia.

Quando finalmente leio *Aldrava* me deparo com a sensibilidade, com a abertura de si para mundo sem pudores ou medo de julgamentos. Uma poesia potente em imaginação empática. Cada palavra dizia sobre mim sem ser sobre mim. Cada verso ressoava para mim como um resgate pela experiência estética, pelo sabor poético que eu nunca havia alcançado. A sensibilidade poética não é algo que se conquista no conhecimento formal, é algo que te atravessa e te faz sentir mais do que ali está expresso. É uma conturbada relação entre linguagem e emoção. E falaremos sobre isso logo adiante. Quero apenas evidenciar que em *Aldrava* não descobri apenas um sujeito que, ao escrever-se, se inscreveu no mundo como poeta de si, como poeta do Outro, como linguagem do afeto que produz afecção, que pode impactar outros sujeitos, que pode resgatar outras almas do lugar mais escuro. E sobretudo, pode tornar o sabor insípido que sentia ao experimentar a poesia em um néctar que preenche o espírito, o coração e pode renovar a alma.

Foi Benedito Nunes quem disse que a poesia é “o elemento espiritual da arte” (Nunes, 2011, p. 8). Ele não poderia ser mais assertivo. A poesia assim como a filosofia estão afiliadas a sua manifestação linguística, não há o que contestar sobre esta situação lógico-cognitiva, mas não se limita a ela. Esta determinação só é possível caso esqueçamos a tradição oral e nos fixamos apenas na cultura letrada ocidental. O antropólogo Jack Goody (2009) disse em seu texto *Da oralidade à escrita* que

“o ato de contar histórias é o modelo principal do ato cognitivo; e alguns filósofos julgam que a criação de narrativas seja uma das capacidades fundamentais do gênero humano” (Goody, 2009, p.37). Em outras palavras, enquanto sujeitos de linguagem narramos a vida em formas diversas, enquanto sujeito de afeto experimentamos o mundo pela interlocução dessas duas dimensões. Neste sentido, a forma poética e a forma prosaica estão em consonância quando procuram representar o mundo da vida, não pelo que ele é, mas no que poderia ser. Pensamos enquanto narramos, sentimos enquanto experienciamos estas criações narrativas. Este será nosso ponto transversal a este ensaio. Se podemos identificar os possíveis eixos da linguagem na poética, isto se dará em decorrência do que é a relação entre ela e as emoções.

Filosofia das emoções e teoria literária

A polissemia com que lidamos com a palavra emoção nos permite falar em afetividade, emotividade ou ainda, paixões e sentimentos tratando-as como se fossem sinônimos. José Luiz Fiorin em seu artigo “Paixões, Afetos, Emoções e Sentimento” (2007, p.1) afirma que “elas são sinônimas, quando conservam o sentido geral originário, e não são sinônimas, quando ganham um sentido especializado”. Encarar essa multiplicidade de sentidos em sua universalidade não nos interessa, importa sua condição particular, vertical. Queremos dizer com isso que não basta que tenhamos uma compreensão trivial daquilo que no cotidiano nomeamos como condição de sentir. Aqui, privilegiamos as sensações como possibilidade de (des)orientar a experiência estética.

Celia Cabrera e Micaela Szeftel (2021, p.7) afirmaram que “a afetividade é uma forma de relação com o mundo, com as coisas, a mais imediata e talvez a mais privilegiada”. Dessa maneira, fica pois claro, que as emoções são o lugar de encontro entre os sujeitos e o mundo da vida, não se trata, portanto, de mero produto discursivo para verbalizar aquilo que movimenta os “estados da alma”, mas antes fazer circular e atravessar a autopercepção do existir. As emoções, em vista disso, circulam entre as dimensões intelectual, cognitiva e teórica, engendrando a capacidade intencional e não intencional do ato mesmo de contradizer-se a si mesma. Isso implica a avaliação de sua qualidade e intensidade (Scheler, 2009), portanto, “os sentimentos misturam-se, confundem-se, mesclam-se, embaralham-se, emaranham-se e, por isso, nos enganam. Apesar de o léxico filtrar as paixões e defini-las, a grande polissemia nesse campo demonstra a dificuldade desse exame” (Fiori, 2007, p.8).

A multiplicidade de abordagens sobre as emoções, as paixões e os afetos atravessam as humanidades e as ciências sociais e, não aceita mais o lugar de passividade e irracionalidade. A separação entre *affectus* (*pathos*/expectador) e *affectio* (afeto natural) agora estabelece o ato mesmo da cognição das emoções como carácter corporificado de sua redução expressiva, podendo ainda, vincular-se a emoções morais passíveis de gestão política como Pierre Ansart (2019) vem demonstrando seus estudos. Embora não pretendamos desenvolver aqui a gestão das paixões políticas em Pierre Ansart, acentuamos apenas que a força mobilizadora delas atua como instrumento de mudança ou de permanência nas democracias contemporâneas, o que denota a força efetiva de nos atentarmos para que a potência das emoções não esteja apenas

no ato de sentir, sofre, mas, também, apareça como uma energia impulsiva que faz dos corpos canais de empreendimentos sociais-emotivos.

No campo ficcional, se quiser, literário, as emoções ampliam os horizontes de leitura e permitem acesso à complexidade da experiência humana. Ela produz imaginação empática, isto é, segundo Adam Smith (2015 [1759]), um mecanismo de orientação das afetividades que diz respeito à compreensão e à afinidade das experiências do Outro. O filósofo chama este ato afetivo de simpatia, não faremos distinção entre uma e outra terminologia, afinal, ambas carregam a impossibilidade de sentir diretamente o que o outro experimenta e, mais, embora seja um ato que implique a maneira como lidamos com a outridade, o reconhecimento do outro pela alteridade (Ricoeur, 2007), ele exige um processo imaginativo, pois toda experiência é particular, individual e subjetiva, e se dá apenas aquele que é diretamente afetado por ela.

No entanto, ao nos dispormos de um tipo de responsabilidade ética em que o eu se torna consciente do bem-estar e da justiça, o esforço imaginativo nos permite questionar se é possível experimentar a vivência na exterioridade, as suas dores e alegrias, suas dúvidas e angústias. Percebam, não se trata de conhecer a natureza semântica da emoção, o que ela significa enquanto linguagem, mas antes, de empreender uma vontade de compartilhar, coabitar, simpatizar, tornar-se outro.

Em razão disso, Adam Smith, acentua que o que sentimos em relação à experiência do outro é apenas uma imagem, uma cópia, talvez um simulacro do que o afeta, o move e o marca. Não seria possível sentir a corporeidade da emoção do outro, se não, pela

força gerativa da nossa imaginação. Entendemos a imaginação como pensada por Edmund Husserl (Lindenmeyer, 2019) para quem ela é uma forma ativa da consciência que permite variações mentais de situações e objetos, mas também, a ferramenta que nos capacita a acessar verdades universais e necessárias a partir de exemplos particulares. Consequentemente, este instrumento, esta capacidade cognitivo-afetiva, é que viabiliza julgarmos o comportamento do outro e nos dispormos ou não a sentir junto, a medida em que nos questionamos sobre o que faríamos se estivéssemos naquela situação.

A imaginação empática, nesse sentido, se torna uma referência para a convivência, a coabitação e a radicalização da compreensão dos sentimentos, e portanto, dos pilares de interação social, visto que a experiência humana, embora marcada pela política, pela economia e pela cultura, é sobremaneira atravessada por emotividades, pela participação afetiva e por uma ação afetiva que produz mudanças e transformações sociais significativas.

Martha Nussbaum (1997; 2003; 2010), uma filósofa norte-americana que tem se debruçado sobre o tema das emoções a partir de sua teoria cognitivo-avaliativa das emoções corrobora com esta compreensão de Adam Smith, ela reafirma que a imaginação empática possibilita uma aproximação necessária com o outro e, mais que isso, deve ser fundamental na conformação de uma sociedade justa e democrática. Isso decorre, segundo a filósofa, pela razão e a emoção não terem sedes separadas, mas articuladas. Neste sentido, atribuir irracionalidade às emoções é ignorar que não são as decisões emotivas que falham, mas o mau uso da racionalidade.

Em síntese a cognição das emoções se daria pela afirmação

de processos confiáveis ou não de informações sobre o mundo da vida, isto quer dizer, também, que a cognição carrega uma classe de valoração que implica um tipo de importância a percepções valorativas, com critérios subjetivos, que dizem respeito a determinação do que seria bom, justo ou desejável. Segundo ela, a identidade das emoções dispõe de três elementos fundamentais: a intencionalidade, a crença e o valor. Não desenvolveremos cada uma delas, mas a primeira nos parece central para o que faremos a frente e para as discussões que vimos fazendo até aqui. A intencionalidade se caracteriza, para Nussbaum, como o meio necessário à atividade relacional das emoções, isto é, refere-se ao dizer e ao sentir sobre algo. A crença nesse ínterim é o elemento de distinção das emoções que despontam da intencionalidade, sem o qual uma mesma emoção dispara experiências diversas, como exemplo, o medo da morte pode no mesmo instante produzir a crença na finitude e uma paralisia em relação a ela ou promover a esperança em relação ao privilégio de viver intensamente e enfrentar as mazelas da condição sociopolítica do sistema econômico vigente.

Nesse ponto de articulação das emoções com a realidade social para promoção de uma sociedade igualitária e democrática, Nussbaum, destaca a importância da literatura e das artes como fundamentais para o exercício da imaginação empática e, para o estímulo de um caminho socrático que privilegie o exame de si mesmo, o raciocínio crítico, o questionamento e a capacidade dialógica. Bianca Carraro Duda, em sua leitura sobre as emoções em Nussbaum atesta que “uma vez que as emoções são cognitivas, uma acurada análise das crenças pode contribuir para aumentar a compreensão acerca dos juízos que as estruturam” (Duda,

2023, p.159). Esta compreensão nos ajuda a entender o porquê a imaginação simpática é fundamental no ato de leitura.

A nossa aproximação com a ficção se dá em um desejo de auto engano, isto é, emerge na suspensão da descrença para que aquele universo se torne, de alguma maneira, nossa ambientação e nosso mundo. Compreender seu funcionamento e quais protocolos de leitura são necessários a sua penetração é o que mobiliza nossa capacidade imaginativa e cognitiva, bem como valorativa. Isso não ocorre apenas pela prosa, embora Nussbaum se centre com mais atenção nela, é possível que pela poesia alcancemos e, talvez, ultrapassem os efeitos sensíveis decorrentes dessa leitura e dessa interação. Em uma defesa da imaginação literária em consonância com imaginação empática, Nussbaum declara: “defendo a imaginação literária precisamente porque me parece um ingrediente essencial de uma postura ética que nos incita a interessar-nos pelo bem-estar de pessoas cujas vidas estão tão distantes da nossa” (Nussbaum apud Duda, 2023, p.179).

O que discutimos até aqui nos trouxe para o objeto estético, a poesia, da qual elencamos alguns poemas para juntos experimentarmos seu caráter ficcional, afetivo e filosófico. E talvez, mais que isso, atentar para a maneira mesma dela nos dizer sobre nós, sobre o mundo, sobre sua intencionalidade interna e externa que amplia a maneira mesma da nossa paisagem interna se apresentar, se representar e sentir. De todo modo, o convite que fazemos aos leitores e neste caso ouvinte/cursistas é se permitir suspender a descrença (Böcking, 2008), mas não apenas como possibilidade de aparência de verdade, ou efeito de real, mas como aquilo que pode nos afetar no sentido de nos resgatar de nós mesmos, de reinventar a nossa subjetividade, de refundar

a nossa gramática afetiva pela sua força metafórica, ou ainda, nas palavras de Benedito Nunes, compreender que dos “afetos à verdade proposicional, o texto literário devolve ao leitor, com um novo referencial, o mundo de sua experiência pré-teórica, o mundo do texto” (Nunes, 2011, p.17).

Literatura, Ficção e filosofia

Qualquer distinção entre literatura e ficção precisa ser feita com o cuidado necessário para que não acabe trazendo mais confusão do que esclarecimento. Digo isso porque é comum a confusão entre ambos, seja de forma a torná-los sinônimos, seja no sentido de distingui-los radicalmente. Terry Eagleton (1983) fez o esforço de tentar uma explicação que pudesse de alguma maneira mostrar que a literatura corresponde a uma categoria que não se limita a seu caráter ficcional. Segundo ele, de forma bastante ampla, a literatura seria qualquer texto dado a leitura, seja símbolo, seja signo, seja um conjunto de códigos, ao que parece, o que tem força nessa perspectiva é o signo que se apresenta no mundo, ora como explicação, ora como exposição. Um exemplo interessante são os sinais de trânsito que aparecem nas estradas quando é preciso reconhecer que ali tem vida selvagem ou a parada é obrigatória. Os símbolos são dados à leitura, embora exijam conhecimento dos protocolos de decodificação. Desse modo, podemos entender o que ele chama de literatura: todo elemento simbólico, signo da vida social. E neste caso, esta compreensão delimita a noção mesma da literatura. Afinal, a literatura dita literária, seria outra coisa.

A contribuição de Luiz Costa Lima (2006) nos parece mais produtiva. Para ele, a literatura é determinada por suas

marcas estéticas e ficcionais, isto é, a literatura não se limita aos contornos da vida social, embora os leve em consideração. Ela dispõe para os sujeitos, camadas estéticas que transitam entre a força imaginativa e a potência reflexiva. Dito de outra maneira ainda, embora algum ensaio não pretenda ser ele mesmo ficção, ou estar na condição da fantasia, há nele um sopro de ficcionalidade. Sendo mais direto, não preciso entender de psicanálise para ler um texto de Sigmund Freud e perceber a sua capacidade literária em movimento. É certo que alguns estudiosos chamam de estilo (Gay, 1990), como esta capacidade de expressar ideias e emoções em uma linguagem sofisticada para dizer sobre algo.

Em Freud é mais que isso, é a capacidade de articular um encontro primoroso entre ideia e palavra, gestando a inseparabilidade entre linguagem e pensamento. É em Michel de Montaigne (2010 [1580]), no entanto, que houve uma das primeiras tentativas de tornar esta indivisão radical pela forma do ensaio. Nele é possível ver que há uma verve de reger os atributos do literário, da linguagem e do mundo da vida. A subjetividade não é apenas a aparição de um indivíduo em emergência do conhecimento de si, mas também, uma conversação com o leitor, sem busca pelo definitivo, sem preocupação com o determinado e um fim que traria a solução premente da verdade. Seu ecletismo nos leva por seu percurso digressivo como condição última de dizer que não são as estruturas rígidas da linguagem que o interessam, mas a fragmentação e seus limites.

Luiz Costa Lima, por sua vez, não se preocupou em delimitar o que é a literatura em sua terminologia ou em seus usos, mas disse que por se tratar de um “significante flutuante”, ela diria “respeito a um objeto textual que pode sofrer uma mudança de inscrição discursiva” (Lima, 2010, p.361). Dito de

outra maneira, Luiz nos mostra que a literatura é uma palavra “espessa”, uma metáfora que implica a compreensão do que é denso e turvo e, no entanto, desliza entre as formações discursivas. Ele disse certa vez, em entrevista (Guedes, Lima, Tannis, 2018), que um texto que parte uma certa construção discursiva e recebe um tratamento diferente disso por sua maleabilidade textual, em virtude da “falta da ponta conceitual” da literatura, pode-se constituir em planos diversos daquele pretendido, caracterizando-se por uma potencialidade conotativa.

Jeanne Marie Gagnebin (2016), de outro modo, nos leva a outra ponta dessa tríade: a filosofia. Para ela “a filosofia se autodefine e é definida de diversas maneiras segundo momentos de sua história” (Gagnebin, 2016, p.5). Ela não está limitada, portanto, a um pensar engessado por protocolos e princípios últimos que determinam seu fim em si mesma na construção de conceitos que explicam, questionam ou organizam o mundo. Ela, filosofia, “só pode se dar na e pela linguagem” (Gagnebin, 2016, p.5). Aqui já nos deparamos com uma aproximação da filosofia à literatura, ambas esperam da linguagem que assine um acordo tácito em sua relação de parentesco. É possível, no entanto, conforme Gagnebin perceber que esta relação tem suas fragilidades em decorrência do que Platão articulou como o lugar da mentira, afinal, a invenção, a imaginação e, por conseguinte, a ficção seriam o domínio do engano, do falso e do discurso ornamental, “na melhor das hipóteses uma retórica bem construída” (Gagnebin, 2016, p.6).

Gagnebin se desvia do caminho clássico de explicação da antiga querela metáfora e conceito, para nos mostrar outra possibilidade em que o inteligível e o sensível não são dois totens separados, mas faces de uma mesma moeda, isto é, se a leitura

mais radical da tradição vê em Platão o arauto e o defensor do ser verdadeiramente sendo (to on ontôs), ele retira a poesia da república; outra leitura possível está na maneira mesma de exposição de seus diálogos, que claramente tem uma construção literária adversa a sua desconfiança quanto à relação poesia e retórica. Evidentemente, não se trata apenas de um contraponto a face ficcional da vida engendrada pela literatura, mas uma querela em relação a demagogia sofística e sua necessidade de satisfazer seu público. No lugar de questionar, criticar, fazer pensar, apenas produziria uma satisfação conciliatória.

Dessa maneira, Platão privilegiava a sua “pretensão a autossustentação e a autossuficiência” (Gagnebin, 2016, p.7), afinal sua intriga estava firmada no contexto de “uma preocupação política de justiça” (Gagnebin, 2016, p.7). Segundo a filósofa Gagnebin, somente quando a questão política foi deixada em repouso que foi possível centrar nos problemas relativos à reivindicação epistêmica do saber filosófico, isto em rejeição a outras maneiras de manifestação do pensamento. Este trecho de Platão não determina uma perda de gosto pela tragédia, mas uma cautela quanto a sua força de “ausência, por metonímia da morte e dos mortos” (Gagnebin, 2016, p.9). A consequência disso seria a identificação da hipocrisia platônica de condenar “a escrita em proveito do diálogo oral entre vivos” (Gagnebin, 2016, p.9) e ainda assim “escrever tantos tão belos diálogos” (Gagnebin, 2016, p.9).

O mote fundamental que podemos observar nisso está na possibilidade de a filosofia não cair em armadilhas construídas por ela mesma, sobretudo, pelos limites das palavras, pela insuficiência da linguagem, se quiser, a insistente perseguição da imaterialidade da ideia, que, ao fim e ao cabo, somente

possibilita alcançar “uma ressonância ou um eco do verdadeiro real” (Gagnebin, 2016, p.10). Nas palavras de Jeanne Marie Gagnebin:

os limites da linguagem dizem respeito a um dos primeiros sentidos do assim chamado “indizível”, a saber, que não conseguimos descrever a relação entre nossa linguagem e o “mundo” ou o “real”, porque, simplesmente, não podemos sair nem da linguagem nem do mundo para, como que num passo para trás, conseguir dizer como mundo e linguagem se correspondem - ou não. Essa relação sempre será um enigma, ela rigorosamente não pode ser dita (Gagnebin, 2016, p.10).

Entre linguagem e fenômeno há um hiato, este hiato diz respeito à própria insuficiência da linguagem ao sentido que não é inerente ao fenômeno. O que se desenha neste argumento do historiador dos conceitos Reinhart Koselleck, em consonância com Gagnebin, é a condição mesma da vida não poder ser capturada em sua integralidade, mas também, da arbitrariedade da linguagem que não permite tudo dizer ou sentir. Vejamos esta afirmação: “o que os diversos agentes têm como real em uma história, assim como ela se origina e se consoma in actu, constitui pluralisticamente a história (Geschichte) vindoura” (Koselleck, 2021, p.89). Em síntese ele, Koselleck, nos mostra que são as marcas subjetivas da experiência que produz sentidos diversos de determinado contexto ou movimento. Essa reflexão teórica nos ajuda a avançar na discussão com uma outra possibilidade e.g. questionando de que maneira esse hiato pode ser preenchido. A resposta de Koselleck, que Luiz Costa Lima ratifica, é a solução pela ficção. O elemento ficcional possibilita com que esse hiato não seja apenas um mero intervalo no processo cognitivo avaliativo da

experiência humana. Koselleck vai evocar um conceito chamado ficção do fático, enquanto Luiz Costa Lima (2015) investe na metáfora e em sua manifestação última, a poesia. Nos interessa, no entanto, atentar para que a ficcionalidade da vida esteja livre para que não seja um controle das formas de ver e de sentir, mas, parafraseando Anne Cauquelin (2010), a liberdade de criar outros mundos possíveis.

Aldrava e Intermitência: uma seleção no oceano de emoções (mar aberto para o mundo)

Se a poesia não carrega consigo nada que esteja por detrás dela, pelo menos na acepção relativa aos jogos de linguagem (Wittgenstein), o que se dá a ver então, são as ideias, as emoções e os acordos linguísticos em suas mais genuínas formas, isto é, aquilo que atravessa tanto o autor quanto o leitor. Neste sentido, sua carga metafórica não diz respeito a banalidade do cotidiano, mas a ficcionalidade do eu. Dito de outra maneira, ao se expressar o poeta não “brinca” apenas com as palavras e sua configuração linguística, ele mobiliza os sentidos e as sensações, os afetos e as afetividades. As tensões provenientes, dispõe, portanto, de produzir impacto enquanto repercute no Outro.

A poesia de Edson Flávio tem essa ambição, no sentido de produzir algo no outro, de tornar-se mais que uma ratificação do sujeito autocentrado. É verdade que as diversas ambientações que ela traz aos nossos espíritos são diversas e, que o eu lírico se confunde com o eu autobiográfico. Em contrapartida, a experiência estética e a experiência afetiva de maneira coordenada nos levam ao bosque da ficção em que o eu e o outro são uma alteridade ressonante. Queremos dizer com isso que não estão subordinados

a uma determinação do que deve ser a experiência orquestrada por um autor solar que exige de seu leitor protocolos rígidos e nem mesmo que tenha junto às configurações linguísticas algum compromisso normativo.

Ao que parece ele não reivindica um leitor modelo (Eco, 1979; 1990) e, seu leitor implícito é, por um triz, aquele que preza pela liberdade como caminho sem fim. Aqueles que tiveram o prazer de conhecer o poeta Edson Flávio e, mais recentemente, sua faceta contista, não se surpreende de sua prosa também ser poética, evidentemente que com outras características *sui generis* ao que ali se pretendeu fazer. O curioso, no entanto, é a rotatória afetiva, os contornos de emotividade poéticos que não o permitem se afastar para tão distante. Pelo contrário, eles estão presentes seja como espectro, seja como significado que assombram as suas intenções e as interpretações dos leitores, isto é, as camadas de sentido não podem ser acessíveis àqueles que não estão abertos a explorá-las. Vejamos um conto para em seguida avançarmos em sua poesia:

Exumação

Leio seu epitáfio hipócrita.
Recordo-me de quantas vezes expus as
vísceras
desse
amor e sangrei sozinho.
A poesia dos anos coagulou-se e o cheiro
pútrido perfaz
os dias de novo e sempre. Náusea e vômito,
até a completa
inexistência.
Quando terminamos, esquartejei tudo o que
havia.
Como a carne é retirada dos ossos,
cirurgicamente, fui

raspando o peito que agora está livre e vazio.
Restaram-se apenas o orgulho e a escuridão
(Santo, 2024, p.43).

Toda tentativa de explicação ou ainda, de perseguição pragmática do que este texto quer dizer é a perseguição pelo sentido oculto que não está nem no horizonte do autor e nem na condição hermenêutica do leitor. O que impacta nesse texto é a maneira visceral como nos faz ver que um ato técnico que pode ser jurídico, biológico ou arqueológico, agora se eterniza como um vórtice de emoções que não diz respeito à realização ou ao trabalho que envolve fazer uma exumação. É a finitude humana perturbada, é a cicatriz produzida na própria existência que, sim, cheira mal, como Charles Baudelaire (2020) viu na decadência da transitoriedade do tempo. Mas não se assustem ao perceber que não se trata de um corpo morto. Dessa maneira, conforme Luiz Costa Lima, a experiência estética tem a incumbência de “provocar uma descontinuidade” (Lima, 2018, p. 39).

Esta descontinuidade por sua vez, não quer ancorar-se em algo fixo, preso, cravejado em uma determinada forma de sentir, pelo contrário, é na variabilidade das sensações que o texto pode produzir, enquanto *poiesis*, a possibilidade de aproximação da subjetividade marcada no eu lírico. Nessa aproximação algo externo é criado, e esta criação tem uma relação que faz emergir a não-existência para existência. O desvelamento como atributo da *poiesis* não estaria, portanto, examinando o sentido oculto, algo que esteja na impossibilidade da descoberta, mas traz à tona formas únicas de experimentação que outras formações discursivas não dispõem.

Seguimos, então, para os livros *Aldrava* e *Intermitência*, uma coleção de poesias das quais nos deteremos com mais

atenção. Ressalto, antes disso, que a provocação ao autor e aos seus leitores foi lançada a partir de brevemente texto discutido acima. Insistimos, em vista disso, que fiquem atentos ao que faremos em seguida, pois não se trata de um trabalho exegético, mas reafirmo: é a necessidade que temos de nos aproximarmos da escrita poética como exercício de mobilização da imaginação empática.

“Suicídio

eu não esqueci cada palavra.
eu não deixei de acreditar em nada.

você e sua fiel escudeira sempre sozinhos.
agora, a você: só o meu desencantamento.
e ainda é muito para quem o silêncio é uma
armadura
vestida com bravura
mas que lhe faz perder a guerra.

eu, vagando na noite fria do abandono.
você, estragando, minuto após minuto, a
minha poesia.
não me deu a palavra certa.
não me ofereceu a rima necessária.
um dia acreditei que você era real.
um sonho desleal que se sonha só.
corri corrida vã.

quero de volta o meu verso, o meu soneto.
afaste-se com seu coração de gelo
vou para longe do seu poço de vontades.
não ouse amaldiçoar-lhe.
não ouse tirar você de mim.
num estampido o fim” (Santo, 2020, p.11).

“byron solitário

é difícil descrever o vazio no peito
um sentimento de abandono
a multidão nada pode fazer
ainda que os sinos toquem ninguém voltará
para casa
um dia apenas
essa dor, essa agonia
o calabouço do sentimento encrudelecido
o calabouço inóspito da solidão
é a retina que não vê a luz
é o parto que não chega
é o sol que não amanhece
é a alegria que não nasce
eu, promessa de prometeu
mito e homem na complacência da vida
esperando a compaixão dos deuses
a misericórdia tardia dos iluminados
oh solidão cruel e sanguinolenta
até quando
oh sofreguidão desmedida
oh vida! oh vida”. (Santo, 2020, p.12)

“marketing pessoal

a saudade crua corta a carne nua.
o amor distante não tem a paz constante.
silêncio fiel.
consolo necessário?
esse par de diamantes,
esse corpo que é só desejo.
uma nota desafinada atravessa a noite.
trancado dentro de mim,
mar aberto para o mundo.
Carnaval sacralizado que dura uma estação.
nem sono,
nem nada.

a cortina da rotina revela uma fotografia
conhecida.
jornal diário maquinal-mente p(r)ensado.
eu, só eu, nos classificados.

anúncio grande,
meia página para metade da vida ser feliz”.
(Santo, 2020, p.13)

“A cicatriz

o tempo passa e descubro minha cicatriz
o filete tênue de carne
a transparência do ferimento
toda exposição da minha fragilidade delicada
ao tocá-la, vejo que foi necessária a
machucadura
a marca eterna do corte transversal
como memória de uma cesariana, fecho os
olhos e vejo o
jorro de sangue por entre as
mãos
a debilidade dos movimentos infantis.
dor que me vai por dentro e
toca o coágulo dos sentimentos secretos
o arrepio frio do vento da madrugada gelada
prazer molhado e quente, como
o beijo...a navalha sutil.
Adeus”. (Santo, 2020, p.15)

“assaltado de alma armada

minha alma foi roubada esta madrugada.
assaltaram-me em minha plena consciência.
aquele sorriso virtual era a realidade que eu
precisava.
você é a pessoa culpada por tudo!
a fecundação dos meus sonhos.
quando seu corpo pousou sobre o meu e
nossos olho se

olharam.
vi meu corpo no seu. meus olhos nos seus.
se eu morresse ali...eternizado estaria.
porém, mais que em seus olhos quis, na
madrugada de hoje,
plasmar meu corpo, minha
alma na sua.
o gosto de seus lábios acompanharam outros

sabores que

provei e
seu cheiro inebriante...(incenso que me
acalma) persistem

comigo.
seu corpo no meu corpo. preciso me
completar.
a lua converteu-se em sol bem diante dos
nossos olhos.
e viu nascer uma paixão, um novo amor.
um sonho!
espero que não”. (Santo, 2020, p.16)

É certo que não caberia, aqui, fazer uma análise minuciosa do que lemos. As poesias, como já apontamos, não precisam ser decifradas em seus melindres, na sua métrica, rima, estrofe, estrutura e etc. Interessa-nos aqui, sim, o tema, a voz poética e alguma repetição. E ainda assim, não seremos ortodoxos nessa exploração. Pelo contrário, junto a intencionalidade que não alcançaremos em sua plenitude, pois pertence, apenas ao autor e, somente a ele foi revelada no seu processo de fabricação, atentamos apenas para o exercício da imaginação empática.

Acreditamos não ser desconhecido dos amigos e conhecidos do poeta e professor Edson Flávio, pelo menos aqueles que já ouviram algumas de suas comunicações ou palestras, de que ele não tem qualquer vergonha de ser emotivo, não se constrange ao derramar lágrimas, hão de lembrar, também, que suas emoções não se escondem por trás de qualquer carapuça ou casco grosso para sua proteção pública. Pelo contrário, há nele, algo genuinamente inocente, algo que nos carrega com ele as lágrimas. Não se trata, aqui, de fazer elogios ou acentuar alguma psicologia do autor, mas falar desse sujeito que se inscreve no

mundo da vida, pelas lágrimas. Anne Vincent-Buffault em seu *A história das lágrimas* (1994) afirma que o artista que tem como pretensão provocar lágrimas, não se limita a formalidade moral da vida, mas antes, conhece o coração humano, sua condição afetiva e sua sensibilidade subjugada a negação do prazer que o corpo exprime através das lágrimas.

Essa sensibilidade despida do poeta está presente em sua poética. Dieter Henrich (2018, p. 9) disse que “os seres humanos não vivem apenas, eles precisam conduzir sua vida a partir do saber de si mesmo”. Considerando isso, não poderíamos deixar de acentuar o caráter altamente dissolvido do sujeito que escreve e do sujeito que experimenta o presente a partir do eu em minúsculo. Se a todo momento as marcas de personalidade estão presentes nos poemas selecionados acima, elas decorrem também do processo de autoconhecimento. Estas poesias nos instigam a ver e sentir nelas, camadas outras que não a puramente autobiográfica. O leitor pode incorrer em fazer certas afirmações, entre elas: que a voz poética é melancólica, soturna e algumas vezes trágica, exagerada, floreada, Kitsch. Mas não poderá se desviar das lágrimas, dos afetos que ali estão inscritos e, que carregamos em silêncio, muitas vezes sem as palavras corretas para descrevê-las. Sentimos em silêncio, não porque não emitimos sons, mas porque não estamos habituados a dizê-los.

Encerramos nossas lágrimas em nós, no esconderijo de uma autoconsciência frágil, pois, limitada a racionalização do mundo. Mostrar-se vulnerável, olhar para a finitude é, sobretudo, abrir as portas para emoções perigosas à nossa frágil condição humana. O medo, por exemplo, é uma emoção volátil, podendo ser uma resposta a situações de insegurança, mas também, *scapegoating*

(culpabilizar indivíduos ou grupos por responsabilidades que não são deles) como ressonância de um clima político nocivo e antidemocrático. Este exemplo nos mostra que a potencialidade das emoções está aberta a usos e usufrutos, estão abertas a mobilidades positivas ou negativas. Nestas poesias não fica claro a que servirão, em suma, a sua eficiência metafórica, se quiser ficcional. E não cabe a nós determiná-la, pelo contrário, o desafio é lançado na arena de disputas de sentidos. Cada leitor pode atualizá-la de acordo com seu repertório sociocultural. E deixamos claro que não se trata de um relativismo desenfreado, sobretudo, porque diferente do que o senso comum dissemina sobre a aproximação entre relatividade e perspectiva, assinalamos sua circunstância coletiva. Embora o individualismo liberal burguês defina cada sujeito como senhor de seu próprio reino, somos sujeitos sociais, políticos e, portanto, coletivos. Só podemos ser indivíduos, Émile Durkheim (Quintaneiro et al, 1995) reiterava constantemente isto, em coletivo.

Se atentarmos, assim, para os cinco poemas selecionados, ficará evidente um *akai ito*, um conceito que pode parecer estranho, mas se refere a uma linha invisível que torna inalienável a relação entre as pessoas envolvidas. Trazemos este conceito oriental apenas para dizer que é quase tangível o encadeamento de uma trama narrativa nesses poemas, é por um fio possível traçar sua relação de coerência sem se ater a formalização da técnica como foi pensado e elaborado, como se exigisse uma filosofia da composição ala Edgar Allan Poe (1846).

Em todo caso, diferente do poeta norte americano que se debruçou sobre seu próprio ofício em uma tentativa de demonstrar a sua intencionalidade ao escrever o poema – “O corvo”, aqui isto

não se sustenta, afinal não são as estratégias, a mecânica e os artifícios que importam, eles estão presentes, sem sombra de dúvidas, mas não são os anfitriões mais destacados. Os poemas nos convidam a sentir junto. Luc Ferry trouxe em entrevista publicada em um livro chamado *Do amor*. Uma filosofia para o século XXI, o seguinte provérbio árabe, que ao que parece, diz, em alguma medida, respeito ao que pretendemos dizer sobre os poemas selecionados de *Aldrava*, diz ele: “um homem que nunca encontrou na vida um motivo para perdê-la é um pobre homem, porque nunca encontrou o sentido da vida” (Ferry, 2013, p.91). A síntese possível que este provérbio carrega dá a tônica dos cinco poemas que escolhemos de *Aldrava*. Em última análise, a *Aldrava* é a tentativa de chamar atenção para algo ausente que se quer perto. Neste caso, um ressoar da finitude, das dores e mazelas da vida e, sobretudo, dos afetos desencontrados em nós e nos outros. Seguimos agora para o *Intermitência*, mas especificamente para o conjunto de poemas sob a seção Intermitências do Eu.

“ano vazio

há um nada nesse ano
nesse dia
nesse mês

um nada que insiste
uma não existência
que rompe os dias
atravessa as horas
invade a casa
desarruma a cama
leva embora nossas sandálias
enxuga o rosto com a toalha de mão
pousando sobre a pia
na escova de dente esbranquiçada

toma conosco o café amargo das manhãs
inóspitas
levanta-se sem dizer para onde vai
pega carona na primeira lufada de vento
esmaece como giz asfalto
e volta como águia esfomeada pelo fígado de
Prometeu” (Santo, 2023, p.7)

“anima

é estranho como a tristeza invade a gente.
começa lenta
e num crescente toma conta de tudo.
um buraco dentro de mim.
escuro,
frio,
inóspito,
encravado.
é nele que eu habito.
vazio de tudo,
minha presença não importa.
a tristeza é um útero,
úmido de lágrimas,
aconchegante,
silencioso,
perene”. (Santo, 2023, p.8)

“miocárdio

tensionado o peito
o músculo soletra
solidão
metaplasmo da língua
miasma do amor

amarelo

abro a gaveta
rabisco o planner
escrevo sem pensar

é dolorido engolir as palavras
não há desejo de boa noite
não há ninguém para conversar

o avanço da madrugada
me estrangulou no tempo
esperando alguma companhia

nem amigo
nem amante
ninguém virá
ninguém

ajusto o despertador no celular
tomo mais um floral de Bach
quero dormir
não sei se quero acordar” (Santo, 2023, p.9)

“vórtice

infinitos me completam;
sou cheio de vazios.
quando penso em me encontrar
é que estou me perdendo.
vivo num eterno retorno de mim.
por vezes mergulho
no abismo interior de minhas memórias
sem saber, ao certo,
quanto tempo demorei.
ali, mantenho-me
absorto em pensamentos angustiantes,
grilhões de meus sentimentos,
até que as linhas do tempo
costurem a mortalha de minha dor.

uma vez revigorado,
sinto uma força centrífuga
que me lança para fora
e uma voz que diz:
vá viver, homem!” (Santo, 2023, p.11)

“dores do mundo

os dias tornaram-se insuportáveis.
a dor instalou por completo.
as esperanças
são flores arrancadas do jardim, com a raiz e
tudo,

e permanecem intactas murchando sobre a
mesa.
invade-me o desejo de um abraço,
de um beijo
que fizesse morrer todos os meus medos,
todos os meus traumas,
todas as minhas dores,
toda minha insegurança
diante do mundo,
diante de mim”. (Santo, 2023, p.12)

Não saberíamos dizer de outra maneira que não, a seguinte: vemos em *Intermitência* a ressonância de *Aldrava*. Não se trata de uma continuação, embora os temas e as emoções se repitam. No entanto, aqui nesta seleção falta o ar. Parece que há uma certa urgência em dizer, é preciso dizer como se algo estivesse engasgado. E mesmo que tivesse dito antes, ainda não havia dito tudo e, mais que isso, não havia dito como poderia ser dito. As palavras agora se destacam, a ênfase não está no todo, cada palavra é uma célula deste corpo textual. A poeticidade simplesmente é um deslindar das emoções, das necessidades afetivas e sensuais.

O pudor e a moralidade são desafiados. Ao que parece não precisamos mais dizer entre lenços e lençóis o que pode ser dito no meio da arena pública a todos pulmões: somos seres de afeto e de afecção, isto implica que também somos sujeito de desejo e, portanto, desejanter na pluralidade de sentidos que esta palavra pode trazer. Judith Butler em *Corpos que importam* (2020), nos traz uma compreensão interessante quanto ao desejo como reconhecimento. Segundo ela, esta emoção seria a força mais influente na constituição da subjetividade. O desejo de ser reconhecido não se aplica apenas a um atributo, a uma qualidade

ou a uma propriedade, mas a ânsia pela aceitação socialmente “legível”, e por este motivo, a vontade de estar inserido em uma comunidade emocional que permita compartilhar junto às normas e normalidades o que é redigido pela alteridade normativa.

Os poemas selecionados vão na contramão disto. A unidade do indivíduo não dá mais conta de enunciar sozinho, agora ele carrega o coletivo, se aproxima com mais ênfase daquilo que pode ser sentido e experimento como um todo. Um emaranhado de emoções, um mar aberto para o mundo. Se é possível afirmar algo sobre o discurso poético é: ele sempre, ou quase sempre, surpreende pela potência social; ainda que pareça se tratar de algo muito particular, pessoal, altamente subjetivo, uma abertura das vísceras para o público, e não deixa de sê-lo, embora, seja mais que isso, é a forma mesma de apontar para o entrelaçamento do eu com o nós.

Em decorrência desta afirmação podemos dizer algo com Judith Butler e Martha Nussbaum, respeitando suas especificidades, o que ainda não dissemos: as emoções, também, são socialmente construídas. E não surpreende que nos poemas selecionados acima a evocação ao social esteja tão presente. Afinal, o poeta como sujeito que vivência a turbulência da vida, os percalços, a fortuna e as incoerências do existir, não poderia se furtar em expressar as dores do mundo, pelo menos aquelas em que sua condição sociocultural o permite dizer. Se para Nussbaum as emoções não podem se limitar a características instintivas irracionais, sendo portanto, importantes elementos de julgamento e avaliação, nestas poesias elas aparecem de forma bastante eletiva, isto é, embora possa não estar no horizonte primeiro do poeta, estão ali como cicatrizes de suas marcas

sociais e, também, como parte de uma acurada sensibilidade para com o que acontece à sua volta. Nas palavras de Luiz Costa Lima: “A poesia é uma das maneiras pelas quais o Ser se desvela, para que, como sucede nas outras maneiras, logo recaia em seu encobrimento (Verdeckung) originário” (Lima, 2018, p.31). Este movimento pendular entre aparecimento e desaparecimento exige do leitor paciência quanto à permanente situação de incompletude da linguagem poética, sobre ela só podemos dizer parcialmente, e, parcialmente, ela diz sobre o mundo.

Considerações finais

Tudo mais que se pode dizer sobre estas poesias é acessório. Elas exigem de nós que estejamos com os ouvidos atentos, com a alma disponível, desimpedidos com a vontade da consciência plena e, mais, que estejamos aptos a aceitar a provisoriedade de seus sentidos e significados, que desafiemos a arbitrariedade da linguagem. Se Roland Barthes (1978) tinha razão ao afirmar que ela, a linguagem, é fascista por nos obrigar a dizer, deveríamos ser capazes de despertar para que seja possível revelar junto a linguagem poética, as dimensões complexas e, talvez, enigmáticas da experiência humana.

Ao fim e ao cabo, ainda utilizando um conceito de Judith Butler (2015), apenas somos capazes de “relatar a si mesmos” quando nossas identidades são um desafio às normas, as regulações e as estruturas de poder que nos cercam. Dito de outra maneira, na tentativa de encontrar o eu autêntico, nós mesmos, precisamos enfrentar a identidade normativa que persiste em nos definir e nos limitar. De todo modo, também não podemos deixar de explorar a opacidade do eu. Ela é fundamental para

que a colisão entre a linguagem poética e a linguagem cotidiana não esteja em consonância, mas que possa a partir de certo grau de tensionamento colaborar na nossa constante vontade de se inscrever no mundo, de se perpetuar pela palavra, pela linguagem, pela poesia.

Referências

ANSART, Pierre. A gestão das Paixões Políticas. Curitiba: Editora UFPR, 2019.

BASTOS, Dau; PINTO, Aline Magalhães; OLIVEIRA, Ana Lúcia de. Luiz Costa Lima: um teórico nos trópicos. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

BAUDELAIRE, Charles. Escritos sobre arte. Hedra, 2020.

BÖCKING, Saskia. Suspension of disbelief. The international encyclopedia of communication, 2008.

BUTLER, Judith. Corps que importam: os limites discursivos do “sexo”. n-1 edições, 2020.

BUTLER, Judith. Relatar a si mesmo. Autêntica, 2015.

CABRERA, Celia; SZEFTTEL, Micaela. Fenomenología de la vida afectiva. Con dos textos inéditos de Edmund Husserl y Moritz Geiger. Buenos Aires: SB Editorial, 2021.

CAUQUELIN, Anne. No Ângulo dos Mundos Possíveis. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

DUDA, Bianca Carraro. Martha Nussbaum E A Função Das Emoções Na Constituição De Uma Educação Para A Democracia. 2023. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado - Irati) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava.

GAY, Peter. O estilo na história: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ECO, Humberto (1979). *Lector in Fabula*. Lisboa, Editorial Presença, 1979.

— Os limites da interpretação. São Paulo, Perspectiva, 1990.

FERRY, Luc. Do amor: uma filosofia para o século XXI. Rio de Janeiro: Difel, 2013.

FIORIN, José Luiz. Paixões, afetos, emoções e sentimentos. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 5, n. 2, 2007.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Filosofia e literatura. *Revista Limiar*, v. 3, n. 5, p. 4-14, 2016.

GUEDES, A. C. de A.; LIMA, E. S.; TANNIS, M. S. História, Literatura e Filosofia: entrevista com Luiz Costa Lima. *Revista de Teoria da História, Goiânia*, v. 20, n. 2, p. 246–252, 2018.

GOODY, Jack. Da oralidade à escrita: reflexões antropológicas sobre o ato de narrar. *A cultura do romance*. São Paulo: Cosac Naify, p. 35-67, 2009.

HENRICH, Dieter. Pensar e ser si mesmo: preleções sobre a subjetividade. Editora Vozes, 2018.

KOSELLECK, Reinhart. Uma latente filosofia do tempo. Editora Unesp, 2022.

LIMA, Luiz Costa. História. Ficção. Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LIMA, Luiz Costa. O chão da mente: a pergunta pela ficção. Editora Unesp, 2021.

LIMA, Luiz Costa. Os eixos da linguagem. São Paulo: Iluminuras, 2015.

LIMA, Luiz Costa. Poesia e experiência estética. Revista de Teoria da História, v. 20, n. 2, p. 29-40, 2018.

LINDENMEYER, Luciana Luisa. Estética husserliana: imaginação, fantasia, imagem e percepção. Dissertação de mestrado defendida na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de pós-graduação em Filosofia, 2019.

MONTAIGNE. Os ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

NUNES, Benedito. Poesia e filosofia: uma transa. A Palo Seco—Escritos de Filosofia e Literatura, p. 8-17, 2011.

NUSSBAUM, Martha C. From disgust to humanity: Sexual orientation and constitutional law. Oxford University Press, 2010.

NUSSBAUM, Martha C. Upheavals of thought: The intelligence of emotions. Cambridge University Press, 2003.

NUSSBAUM, Martha. Poetic justice: The literary imagination and public life. Beacon press, 1997.

POE, Edgar Allan. Essay and other texts. Sterling Publishing Company, Inc., 2006.

QUINTANEIRO, Tania. Émile Durkheim. QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, MLO; OLIVEIRA, MG Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995. RICOEUR, Paul. Percurso do reconhecimento. Edições Loyola, 2007.

SANTOS, Edson Flávio. Aldrava. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2020.

SANTOS, Edson Flávio. *Intermitências*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2023

SANTOS, Edson Flávio. *Antes do amanhã*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2024.

SANTOS, Edson Flávio. *As utopias e resistências de Pedro Casaldáliga*. Carlini & Caniato, 2021.

SCHELER, Max. *Amor y conocimiento: Y otros escritos*. Palabra, 2009.

SMITH, Adam. *Teoria dos sentimentos morais*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. *História das lágrimas*. Trad. Helena Moura. Lisboa: Teorema, 1994.